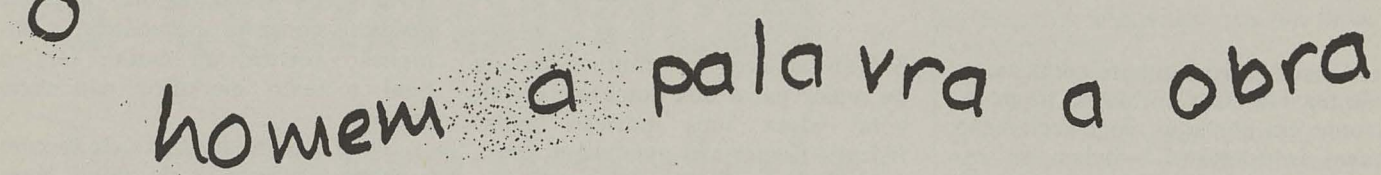

A POESIA DE LUÍS AMARO

O único livro 1) que Luís Amaro publicou até 1975, reúne poemas escritos entre 1942 e 1949. No entanto, quando se considera a poesia do autor de *Dádiva* em termos geracionais, é costume situá-lo nos anos 50. E não é descabida tal inclusão, não só porque ela aponta — sem desligar-se totalmente do contexto dos anos 40 marcado, por um lado, pelo neo-realismo (os dez volumes da colecção *Novo Cancioneiro* publicam-se entre 1941 e 1944) e, por outro, pelos *Cadernos de Poesia* (cuja 1ª série se publica entre 1940 e 1942) — para caminhos cujos contornos só na década de 50 se definirão, mas também porque Luís Amaro vem a ser um dos animadores de *Árvore* (1951-53) e procede, durante esse período, a um trabalho de expurgação do que, no seu livro de estreia, era ainda ênfase retórica, de modo a alcançar o que hoje vemos como traço distintivo do seu lirismo, a essencialidade, o seu carácter depurado. Luís Amaro não é, todavia, o único poeta dos anos 50 que publica antes do aparecimento das *folhas* que assinalam, poeticamente, o começo da década, a *Távola Redonda*(1950-54). Companheiros seus em *Árvore*, como Raul de Carvalho e José Terra, fazendo sair dos prelos os seus livros de estreia (*As Sombras e as Vozes* e *Canto da Ave Prisioneira*) precisamente no ano em que *Dádiva* vem a público. Do lado tavoleiro, A.M. Couto Viana (*O Avestruz Lírico*, 1948; *No Sossego da Hora*, 1949), Fernando de Paços (*Fuga*, 1944) e Goulart Nogueira (*Atlântida*, 1948), por exemplo, dão também início à sua actividade poética, na década de 40. Sebastião da Gama, falecido nos princípios se 1952, e cuja poesia foi acolhida indistintamente pela *Távola* e pela *Árvore*, foi, em termos de publicação um poeta dos anos 40, já que aqueles que serão, porventura, os seus dois livros mais significativos, *Serra-Mãe* e *Cabo da Boa Esperança*, trazem as datas de 1945 e 1947, respectivamente. Como quer que seja, o que importará assinalar é, por um lado, que uma rígida divisão por décadas no estudo da nossa poesia moderna poderá resultar artificial ou inoperante e, por outro, que o chamado espírito dos anos 50, quer na sua forma de oposição ao neo-realismo, quer na forma de tentativa de superação deste, começa a definir-se logo após o final da Segunda Guerra Mundial. Relativamente ao contexto dos anos 40, que se disse marcado pelo neo-realismo e pelo electismo dos *Cadernos de Poesia*, haveria ainda que mencionar o surrealismo com manifestações organizadas a partir de 1947 (embora por este não tenha sido tocado Luís Amaro, nem o seu companheiro na direcção de *Árvore*, António Luís Moita).

Segundo Casimiro de Brito, em nota crítica incluída no seu livro *Prática da Escritura em Tempo de Revolução* 2), Luís Amaro considerar-se-ia a si próprio como um poeta "neo-romântico". Que razões terão levado o autor de *Diário Íntimo* a optar por tal filiação? Avancemos algumas hipóteses. Pela devassa a que procede, nos seus poemas, dos meandros do *eu*? Pelo *intimismo*, pelo *individualismo*, daí resultantes? Por privilegiar, entre os seus temas, a *Noite*? Pela *melancolia*, pela *tristeza*, pela *dor de existir* que se desprendem dos seus textos? Pela visão que nos propõe do poeta como ser *infeliz*, *marginalizado*, agredido por uma realidade a que não se

adapta? Pela atmosfera *vaga*, *imprecisa*, *diluída*, *esfumada*, *misteriosa* em que nos mergulham muitos dos seus poemas? Por tudo isso, talvez. Mas ficariam de fora outras facetas de um, aceitemos, neo-romantismo, que poderíamos detectar, por exemplo, em Herberto Helder, no errático exercício de *imaginação* verbal que é a sua poesia, ou em Nuno Júdice, na proposta de uma imagem mítica do poeta como *iluminado*. Percebe-se onde o poeta quer chegar com essa classificação: adequar a ela o tom geral da sua poesia. Ou procurar subtraí-la, à sua poesia ao que, no modernismo português, é declarado rompimento com a *tradição*? É evidente que a poesia intimista de Luís Amaro entronca no lirismo praticado pelo segundo modernismo, que não põe em causa, a não ser excepcionalmente, o fundamental dos esquemas tradicionais. Ou aproveita ainda do primeiro modernismo o que, nele, já prefigurava o segundo, sobretudo o Pessoa ortónimo (o qual, por sua vez, é impossível entender sem ligação a Camilo Pessanha, poeta que Luís Amaro terá também lido atentamente). Convém, no entanto, ao mesmo tempo que se referenciam Irene Lisboa, Boto, Cascais 3), ou Régio, ou Mário Beirão e Cabral do Nascimento, ou ainda Teixeira de Pascoaes, não dar essas referências mais que a função que lhes cabe — a de nos ajudarem a conhecer a *família* em que o poeta se integra. Família da qual acaba por se autonomizar para abrir o seu próprio caminho.

Diário Íntimo 4), já mencionado, além de todos os poemas do livro de 1949, à excepção de um, contém quarenta e oito textos, treze dos quais, por estarem compreendidos no período que vai de 1942 a 49, o A. inclui em *Dádiva*. Os outros 35 foram compostos entre 1950 e 1971 e, de um modo geral, representam, pelo elevado grau de depuração, o que de melhor escreveu Luís Amaro.

Para uma análise de *Diário Íntimo*, poderemos, talvez, começar pelo papel desempenhado pelos *títulos* nos poemas que o compõem. A títulos que apenas dêem uma indicação dos subgéneros a que os textos pertencem (soneto, canção, elegia, ode, etc.) ou à sua ausência (reproduzindo os poetas, neste caso, muitas vezes, simplesmente o primeiro verso do texto), prefere Luís Amaro títulos que funcionam geralmente, por assim dizer, como resumo, síntese ideativa dos poemas ou lhes definem o tom, a atmosfera 5). (Seis textos têm como título dedicatórias, sendo dois deles requiens à morte de poetas — Sebastião da Gama e José Régio — e os restantes quatro, de homenagem a António Nobre, Teixeira de Pascoaes e Augusto Frederico Schomidt). Uma rápida passagem pelos títulos permitir-nos-á avançar para a abordagem de alguns temas dominantes na poesia de Luís Amaro — "Desencanto"; "Aquele Desespero"; "Infância"; "Protesto"; "Cárcere"; "Ausente"; "Desencontro". O primeiro pertence a um poema que se situa dentro de um tópico muito comum em *Dádiva*, o do sujeito que gostaria de viver plenamente a vida, sem medos, sem ansiedade, com alegria, mas que não se sente capaz de sair de si, da "solidão exasperada" e da "noite" que é a sua vida invivida. Avancemos um pouco neste tópico da *vida invivida*: há, por uma lado, fora do sujeito, uma "vida verdadeira", autêntica, "luz", "Primavera", "alegria", "madrugada", a pedir que a não deixem passar, e, por outro, alguém que, inibido, não tem forças para romper o "novelo de dor e de tristeza" onde se embrulha. O sujeito lírico revela-se-nos como um ser sensível, frágil, inábil, face à dureza e à agressividade de uma realidade que o ultrapassa. Uma realidade que o põe *à margem*, que o *proscreve*, que o *escorraça*. Um destino que, aparentemente, desde o princípio, o marcou com o sinal da maldição ("Como falar dos tempos de criança. Se nunca tive infância?). O seu "sonho" seria sair do "cárcere", "Partir as algemas/Que (pôs) a (si) próprio", para conhecer a plenitude de uma vida de liberdade e autenticidade, mas uma inibição sem nome, uma culpa ontológica parecem amarrá-lo à prisão do seu desespero. A circunstância de num dos poemas se falar em "o outro de mim" permite-nos ligar o tópico do sonho, do ideal, ou melhor, do conflito dentro do sujeito entre o "peso do mundo", as exigências da vida *falsa*, *aparente*, *desgostante*, cheia de logros e decepções, e a aspiração a uma outra realidade, *em cima*, em que as contradições desta, *cá em baixo*, sejam abolidas, ao tema de Ícaro, tão exemplarmente tratado, em termos de moderna poesia portuguesa, por Mário de Sá-Carneiro e José Régio. De resto, não é por acaso que alguns dos textos se desenvolvem de acordo com um esquema de antíteses, que, em última análise, se fixam simbolicamente numa "luta", de sugestão regiana, entre o "bem/ E o mal".

O tratamento do tema da noite também oferece significativa matéria de reflexão. (Já se aventou a hipótese de a preferência dada, em *Diário Íntimo*, a esse tema ser um dos elementos que justificaria a designação de "neo-romântica" para a poesia de Luís Amaro.) A noite pode surgir como metáfora da "vida invivida", da "densa/gélida" escuridão que é o "caminhar" do sujeito "Pelo mundo, à toa,/Sem amor nem esperança", em oposição ao amanhecer, à vida de "graças e cânticos" por que anseia. Mas a paz da noite, a "voz da noite" pode também propiciar-lhe, no recolhimento, no silêncio, o entrever dessa outra vida, "mais bela(...) que aquela/Que (vive), todos os dias". A essa mesma paz, a esse mesmo "silêncio" da noite, aspira o sujeito, num desejo de evasão, para se *libertar* da "brutal agitação" do mundo lá fora, das "misérias/E contigências/ Da vida triste". O manto da noite, da "noite imensa", oferece-lhe, assim, protecção para a hostilidade, a aspereza, o sem sen-

tido da vida lá fora. Se, porém, avançarmos um pouco no livro, a noite voltará a aparecer-nos com uma conotação negativa, desta vez como sinónimo de "solidão exasperada", a ultrapassar, para se conhecer a alegria, a "luz/Da madrugada". Mas o "mistério nocturno" que envolve o poeta, pode igualmente ser abalado pelo "grito" de "revolta" em que se transformou a voz "balbuciante e frágil", "submissa e chorosa" da criança que lhe "pediu o (seu) pão". O "grito" que lhe faz *estremecer* a solidão nocturna é, numa lenta metamorfose, a "Voz de todos os escorraçados e proscritos/Que existem sem viver,/ Espoliados até da luz do sol,/De rastos, pela treva, à espera que amanheça...". A identificação entre o sujeito, também ele, como já vimos, sentindo-se *proscrito*, *escorraçado*, e esses "espoliados" é total. Se o amanhecer no poema imediatamente anterior significa, para o sujeito, num plano meramente individual, o desejo de que chegue ao fim a "solidão exasperada" da sua "noite" aqui a "vida verdadeira" que se quer tem claramente uma dimensão colectiva, diz respeito a todos os "proscritos". Mais, neste texto, "Do Fundo da Noite Oiço uma Voz", o sujeito lírico vence a barreira do solipsismo, vai "além da (sua) amargura (e) do (seu) drama", projecta-se nos *outros*. Tem consciência do "que existe além de (si)", além das suas "inquietações" interiores. Esta dimensão social, a demonstrar que o canto amargurado e intimista do A. de *Dádiva* não se processa no alheamento das propostas neo-realista, afasta, de forma bem nítida, a poesia de L. Amaro do indiferentismo subjacente, por exemplo, ao seguinte poema de A. M. Couto Viana, em *O Avestruz Lírico*: "Podem pedir-me, em vão,/Poemas sociais,/Amor de irmão p'ra irmão/ E outras coisas mais: // Falo de mim — só falo/Daquilo que conheço./O resto...calo/E esqueço.". Em Luís Amaro, pelo contrário, não é sem remorso que o sujeito fecha os "olhos" à "vida"; toda a sua aspiração, afinal, é precisamente superar o "constrangimento de existir", a contracção egotista, para, em expansão fraterna, estender "Os braços para os homens, (seus) irmãos". A noite é também a *Mãe* em cujo

JUAN GIL-ALBERT

Afirmar que Juan Gil-Albert (nascido em Alcoy, Alicante, em 1906, mas cedo fixado em Valência, onde hoje vive) não está incluído em nenhuma das antologias que se propõem apresentar a poesia espanhola contemporânea, mas apenas em duas antologias da chamada "geração de 1936", a que está ligado mais pelas datas em que nasceu e publicou os primeiros livros de poesia do que pelo espírito dominante nos poetas que mais contribuiram para dar o tom comum dessa geração (os que constituiram o bloco definidor da revista "Escorial": Luis Felipe Vivanco, Leopoldo Panero, Luis Rosales, Dionisio Ridruejo), a que, em mais que um aspecto, se opõe, — vem apropósito, não para agora, tardia e inutilmente (quando é considerado um dos maiores poetas espanhóis do nosso tempo) protestar, mas para sublinhar o que escreveu sobre o esquecimento a que, nas décadas decorridas desde a publicação dos seus primeiros livros até meados dos anos 60, foi sistematicamente votado: *Alguém me perguntou se havia em mim um resquício de ódio e de desgosto por estas, disse ele, quase quatro décadas de anonimato, e respondi-lhe com surpresa de mim mesmo, que careço do órgão produtivo dessas duas segregações vitais e que eu próprio reconheço como uma deficiência talvez grave, a da falta*

"regaço" o sujeito *pousa* a "fronte húmida", para descansar das feridas que o "mundo" fez na sua "alma confiante". Ou é a noite/esquecimento, cruzada pelo voo da "ave cega/Do sono". Permanentemente, no *diário íntimo* que é a poesia de L. A., a noite, como, de resto, tudo o que se encontra *fora* do sujeito, é interiorizada: no "mais obscuro do (seu) coração (...) fecha-se a noite". O desejo de romper a maldição, de sair da escuridão do "sonho triste" que o "devora", no entanto, não morre. E essa vontade de "Começar a viver", de não fechar os ouvidos às vozes que chegam até ele, sejam as dos espoliados ou as "vozes inocentes(...) das crianças", lhe justifica a continuação do canto, numa luta contínua entre o "desespero" que lhe "finca" as "garras" "dentro da (...) alma" e a esperança que teimosamente resiste. Essas vozes que transpõem o recolhimento do sujeito, podem ser um apelo a que se mantenha ligado à vida — a *vibração* e a *inundação* de uma "infantil canção/Irmã do sol, da água" num "coração magoado,/Escurecido, triste". Mas, outras vezes, trazem, nas suas trágicas modulações, a maldição que, desde o início, parece marcar os poetas como seres "proscritos" e atormentados por "cruel doença d'alma" e cujo único "crime" talvez seja o de terem "nascido". É esse mal-estar inextirpável (de tonalidades obviamente neo-românticas) que impede o sujeito de comungar da alegria dos outros, da "festa" dos outros. A "voz secreta" que o não deixa conhecer o "sol" *esplendente* da comunicação, é o "preço" que tem de pagar pela sua singularidade, pelo seu "Coração de poeta". Essa singularidade, porém, sem a abertura aos "outros", sem uma resposta clara ao "apelo/ Fraterno e áspero" que lhe vem do "mundo", consome-se num vazio circular. É *retracção* a transmudar em *expansão*, no reconhecimento de que "a vida é dádiva (...) Esperança". ●

Fernando J. B. Martinho

1) **Dádiva**, Lisboa, 1949.

2) Editorial Caminho, Lisboa, 1977, pp 68-70.

3) cf. Gastão Cruz, "Luís Amaro" in **Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e da Teoria Literária**, fascículo 5, Iniciativas Editoriais, Lisboa, S/d.

4) Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1975.

5) cf. Wolfgang Kaiser, **Análise e Interpretação da Obra Literária**, Arménio Amado, Editor, Sucessor, Coimbra, 6ª ed., 1976, pp. 202. 203.